

ANMP

BOLETIM



Associação Nacional de
Municípios Portugueses



Não houve déficit de nervosismo

Muito nervosismo, mais água na fervura e uma enorme preocupação em não ferir susceptibilidades marcaram a sessão solene de abertura deste congresso.

Mário de Almeida, que reafirmou todas as críticas a propósito da suspensão da aplicação da Lei das Finanças Locais, gaguejou q.b., ouviu fartos aplausos e até se emocionou.

Tudo isto por culpa de uma polémica em volta do tão famoso e apregoador déficit.

Nos bastidores havia o receio, embora poucos os reconhecessem, que o discurso de Alberto João Jardim — o grande protagonista da polémica em volta do déficit — provocasse uma onda de contestação. Jardim foi comedido, trazia um discurso escrito contrariamente ao que lhe é habi-

tual, mas teve tempo e oportunidade para introduzir outros défices aos já conhecidos.

«Déficit de bom senso», de «educação» e de «coragem».

O líder madeirense — que ouviu uns sonoros «não apoiado» — não se ficou por aí e ainda desejou que o governo não tenha um déficit de «ousadia».

Foram tudo receios infundados, porque com tanta água na fervura, tudo acabou por correr bem e todos respiraram de alívio.

Apesar destas «tricas» todos juraram continuar companheiros, amigos, colegas e camaradas como Torres Pereira não se cansou de chamar aos congressistas.

Fernando Rocha
Radionova - Porto

Despir... para vestir

O sétimo Congresso da Associação Nacional de Municípios Portugueses, que nos trouxe até à ilha da Madeira, envolveu, na sua preparação, seguramente, um enorme esforço que os responsáveis da ANMP não se cansam de sublinhar aos jornalistas.

A concretização de uma quase ponte aérea, a feitura de mais de duzentas mil fotocópias de documentação diversa, o estudo aprofundado que dos vários temas se encarregaram as Comissões Especializadas, foram trabalho que, imagina-se, muito deve ter dado que fazer à equipa encarregada de uma sistematização, disse-se, nunca conseguida em anteriores reuniões.

Labor seguramente imenso, não terá deixado de causar estranheza, por oposição, a rapidez com que a sala do Congresso se despiu de gentes, bem antes ainda da conclusão da jornada de ontem à tarde. Como que a querer significar não menor pressa, dos congressistas, para se irem vestir, assim lesto, para o jantar que os aguardava na Quinta Magnólia.

Um quadro com certeza significativo da grande máxima deste Congresso: esforço e participação em favor da dignificação do Poder Local...

A. Cabral de Oliveira - O Comércio do Porto

Os corruptos e os outros

São cerca de uma dezena e têm o mandato a prémio, talvez pela aplicação de uma lei com dois pesos e duas medidas. O presidente Mário de Almeida resolveu pôr o dedo na ferida e perguntou: só nós é que somos corruptos — então e os outros?

Um risco assumido, numa época em que vírus pouco conhecidos transmitem graves doenças. Mário de Almeida saberá se as chagas estão, ou não infectadas?

Ana Paula Correia «O Jornal»

Sintomas

«Desculpe, mas pode-se dizer se aqui na Madeira há caixas automáticas, multibanco?»

A pergunta era séria e não permitia delongas. Ali, no meio do chão brilhante do hotel de cinco estrelas, o homem não suportou o silêncio da interlocutora. E continua, solícito em se tornar explícito na sua demanda. «Sabe, multibanco, os cartões de crédito, bancos, essas coisas assim?».

Sossegado sobre as apetências da ilha para responder aos ímpetos consumistas que o presidente do Congresso da Associação Nacional dos Municípios Portugueses viria a criticar no outro dia, o senhor lá se retirou calmamente a pensar que afinal a região autónoma não estava assim tão longe dos parâmetros da nação.

O episódio não tem mais valor do que revelar a ingénua ignorância de um indivíduo. Que por acaso é autarca.

Dulce Neto - «Público»

Palavras por dizer

Ou me engano muito, ou já houve, neste Congresso, quem tivesse dito menos do que aquilo que gostaria: Alberto Jardim e Nunes Liberato

O primeiro, proferiu um discurso mais contido que o esperado assumindo um papel de anfitrião e não provocando mais reacções que alguns não apoiados; o segundo, porque teve de ouvir críticas a diplomas da sua Secretaria de Estado e o protocolo não lhe deu espaço para falar.

Seria curioso ouvi-lo responder a Barbosa de Melo quando o Presidente da Assembleia da República defendeu que as obras a executar em cada Concelho deveriam ser licenciadas pela autarquia local — uma pretensão dos Municípios que recente legislação do Governo contraria.

João Garcia - Expresso

O défice de interesse pelos problemas do quot

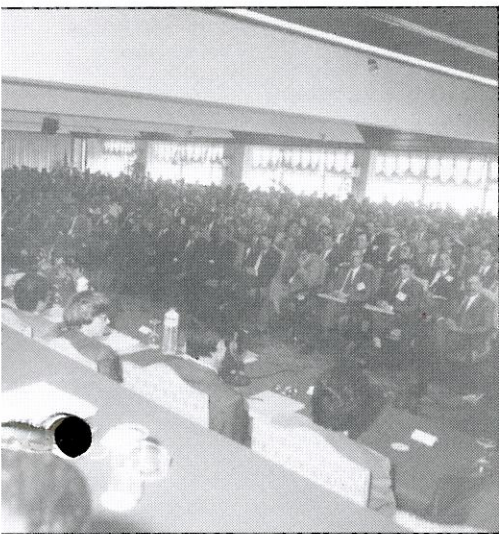


O VII Congresso da Associação Nacional de Municípios Portugueses não contém o tradicional aliciante da luta pela disputa de cargos directivos, que, diariamente, ocupam as primeiras páginas dos nossos jornais.

Contudo, os assuntos agendados para debate prometem aproximar-se mais da realidade quotidiana dos cidadãos e influir no desejado processo de desenvolvimento económico e social nacional.

Se as chefias das redacções dos nossos órgãos de comunicação social não derem, nestes dias que se seguem, a devida relevância aos assuntos aqui discutidos, estarão a cair no grave erro de se distanciarem dos interesses dos seus leitores. uma vez mais, também, poderão comprovar que a excessiva politização da informação apenas contribui para o declínio em termos de audiência dos órgãos de informação que chefiaram.

diano



A primeira sessão, infelizmente, não escapou à politização, quando o presidente do Governo Regional da Madeira decidiu aproveitar a presença de mais de um milhar de delegados e fazer algumas referências a um assunto que para os autarcas não é prioritário. Ele, que não deseja interferências na «sua vida política», cometeu, no entanto, a incoerência de trazer a lume um tema muito importante para si, mas não para os eleitos locais. Para estes o défice é de respeito pelas suas funções, autonomia e, igualmente, de meios financeiros. A angústia não é motivada pela apresentação de alegados casos concretos de falta de democracia na Assembleia da República mas, antes, a tal suspensão do dispositivo de cálculo do Fundo de Equilíbrio Financeiro e a anquilosada legislação nacional, que nem para um caso de «bebés» proveta (In Vitro) sabe dar resposta.

Quanto a equipamento colocado ao serviço dos jornalistas, não se nota, de momento, qualquer défice, assim como em relação aos serviços de apoio da ANMP.

Pedro Morais Fonseca
(«Jornal de Notícias»)

A manipulação

Talvez uma das características que formam o perfil do autarca português tenha a ver com a menor seriedade com que encara reuniões aonde não haja contagem de votos.

Todo o congresso não electivo é visto como uma reunião maçadora, onde o que importa é fazer figura de corpo presente.

Sem juízos de valor acerca do que deve ser a postura do autarca, este sermão é para reflectir sobre a influência negativa que os fazedores de política-espectáculo ou os que gostam de enviar sinais maquiavélicos podem exercer no cir-

cuito da informação.

A política é assim, mas tudo contribui para a manipulação das tais populações que os autarcas dizem defender com unhas e dentes.

Ou que deste tipo de congressos raramente se pode sair com uma imagem real das assimetrias que existem entre o litoral e o interior entre o continente e as ilhas, entre as áreas metropolitanas e o resto.

O Congresso do Funchal pode fornecer lindas conclusões, mas as primeiras horas adoreram os participantes.

Domingos Xavier - (Rádio Renascença)

História do cerco do Funchal

O Préludio histórico entre os «Homens bons dos Concelhos» e os «funcionários régios», a que aludiu Barbosa de Melo, foi ontem reeditado na sessão de abertura do VII Congresso da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

Bem comandados, dispondo de uma estratégia bem urdida, os

«Homens dos Concelhos» conseguiram pôr em debandada o «funcionário do reino».

O bom emissário, que se deslocara confiante no sucesso da missão, esgueirou-se encolhido, por entre a multidão dos «Homens bons», quando concluiu que era aclamado o chefe dos revoltosos.

Francisco Fontes - (Lusa)



O défice da gravata



Ao todo seriam para aí uns dez. Entraram na sala imensa, onde um piano animava o jantar e imaginavam-se já a comer algo de substancial, que matasse a fome que todos sentiam. Mas, depressa, aperceberam-se de que havia qualquer coisa de estranho. Não sabiam o quê, mas os factos falavam por si: o pianista quase deixara de tocar, o empregado de mesa corria apressado, há quem diga que se deixou de ouvir o tilintar

dos talheres e dos copos. Durante alguns segundos, a sala parou, suspensa. Os jornalistas entreolharam-se, espantados, e um deles apenas conseguiu murmurar para o empregado — «somos dez». Não houve qualquer reacção. Ou melhor: houve. Um dedo apontado à camisa do jornalista — «**não podem entrar sem gravata**».

Do grupo apenas um trazia esse elemento importante e diferenciador: a sacrossanta gravata do cinzen-

tismo oficial e oficioso.

Conversa puxa conversa, souberam mais e mais. Que o problema não era só da gravata, mas também das **jeans** que, muitos deles, usavam. Desculpas também houve: «**eu sei... há jeans que custam mais do que outro tipo de calças**» — dizia o empregado, já ca fora, num gesto de boa vontade.

Conversa terminada, o grupo de jornalistas saiu e procurou outro local, onde pudessem responder ao convite da Associação Nacional de Municípios Portugueses para um jantar informal. Mas, no cérebro de todos eles, (que não vinham propriamente à procura de qualquer **défice**), bailava já uma pergunta: e se ao **défice** já conhecido — o democrático — tivessem agora que juntar mais outro — o da gravata — não seria já **défice** a mais?

A questão ficou resolvida, horas depois, pela voz autorizada de Alberto João Jardim, na sessão de abertura do Congresso. Jardim deu a resposta aos jornalistas: não há **défice** a mais. Ao democrático e ao da gravata há que juntar ainda «o da coragem, o do bom senso, o da ousadia e o da inovação».

«Contra-ataque» de um jornalista, em jeito de vingança: **com tanto défice ainda a ilha vai abaixo!!!....»**

Carlos Júlio
T.S.F. / Rádio Jor

Narciso Miranda aposta no «défice» político de Carlos Laje

Destaque neste congresso para a «perseguição» que Narciso Miranda anda a fazer aos jornalistas. O presidente da Câmara de Matosinhos tem utilizado os bastidores deste Congresso da Associação Nacional de Municípios para fazer «campanha». Aproveitando a ausência natural do seu mais directo adversário, Carlos Laje, e também do seu «telecomando» Fernando Gomes — que se fez substituir para poder assistir à queima das fitas por inteiro, — Narciso Miranda admite que está em desvantagem, mas apenas por uma questão

de «mercearia». Este autarca de Matosinhos acredita, no entanto, que pode contrariar esta tendência depois da eleição dos delegados, ao conquistar os votos de Aníbal Lira, ... («Negócios» políticos!....)

É verdadeiramente uma investida de alguém que pretende tirar os louros de uma hipotética — mas não fora de causa — situação de desvantagem. E quem melhor do que os jornalistas — com algum défice de notícias — para contarem estas histórias?

Florabela Guedes
Rádio Press